



I Seminário Internacional de Estudos de Cultura Material

ASPECTOS TANGÍVEIS E INTANGÍVEIS DOS SABERES E DAS COISAS

PROGRAMAÇÃO E CADERNO DE RESUMOS

ORGANIZAÇÃO

Coordenação Geral

Camilla Agostini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Isabela do Nascimento Frade

Universidade Federal do Espírito Santo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Julia Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Comitê Científico

Alejandra Saladino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Camilla Agostini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Isabela do Nascimento Frade

Universidade Federal do Espírito Santo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

Instituto Vilson Grow

Julia Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lilian Panachuk

Universidade Federal de Minas Gerais

Roberto Marques

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Comissão Executiva

Alejandra Saladino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Ana Carolina de Lima Luscura França

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Camilla Agostini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Gabriel Alves Sabino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Judivânia Maria Nunes Rodrigues

Instituto Vilson Grow

Julia Barros Silvera dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcelo de Souza Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Nicole de Almeida Guimarães da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Núcleo de Estudos de Cultura Material

Divulgação e Programação Visual

Karla Moreira de Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Museu Nacional – UFRJ

Camilla Agostini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Marcelo de Souza Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Nicole de Almeida Guimarães da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Núcleo de Estudos de Cultura Material

Coordenação Artística e Cultural

Isabela do Nascimento Frade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Maria Madeira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Julia Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Edilberto Fonseca

Universidade Federal Fluminense

Sheila Mendonça

Fundação Oswaldo Cruz

Camilla Agostini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Memória e Ação Social

Monitores

Ana Elisa Coelho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Gabriel Evangelista de Souza

Universidade Federal Fluminense

Gerson Carvalho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Guilherme Novo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ilana Musacchio

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Leonardo de Almeida Martins

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Marcelle Silva Pinto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Monica Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Roberta Rocha

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CRONOGRAMA	6
DIA 16/08/2023 – QUARTA-FEIRA	7
Abertura	7
Mesa temática 1: Aspectos tangíveis e intangíveis de saberes tradicionais	7
Fórum 1: Coisas sagradas de ontem e de hoje	11
Conferência	11
DIA 17/08/2023 – QUINTA-FEIRA	12
Roda de conversa entre criadores e criaturas	12
Mesa Temática 2: Culturas Urbanas e Invisibilidades	12
Fórum 2: Culturas urbanas e invisibilidades	14
Oficinas	15
DIA 18/08/2023 – SEXTA-FEIRA	16
Apresentações de graduandos (08h30 -09h50)	16
Mesa Temática 3 – Protagonismo dos saberes e das coisas afrodiaspóricas	19
Conferência	21
EXPOSIÇÕES	22
As histórias que as coisas contam e suas geografias silenciadas	22
A doença de Chagas: da pré-história aos dias atuais	23

APRESENTAÇÃO

Classificações como as de patrimônios tangíveis e intangíveis foram historicamente construídas por políticas patrimoniais e precisam ser constantemente revistas. O questionamento sobre a hierarquia dos saberes, que parte de categorias pré-definidas e igualmente hierarquizadas é um ato político e de reflexão epistemológica necessário. O que nos move para a promoção e o fortalecimento de núcleos pesquisa de base interdisciplinar, interinstitucional e intersaberes. O encontro pretende reunir rede de parceiros de diferentes áreas do conhecimento que lidam com a interface tangível-intangível das coisas, espaços e relações que participam ativamente do Grupo de Pesquisa em Estudos de Cultura Material registrado junto ao CNPq.

A proposta do *I Seminário Internacional de Estudos de Cultura Material: aspectos tangíveis e intangíveis dos saberes e das coisas* é:

- ✓ Reunir pesquisadores que integram o Grupo de Pesquisa do CNPq em Estudos de Cultura Material, promovendo a integração entre os participantes que se encontram em diferentes cidades do Brasil e fora do país;
- ✓ O amadurecimento de núcleos de pesquisa de base interdisciplinar, interinstitucionais e com projetos que integram pesquisa-ensino-extensão, além de agregar saberes tradicionais externos ao conhecimento acadêmico;
- ✓ Aprofundar a reflexão sobre a materialidade agregada aos saberes e as dimensões imateriais associadas às coisas, contribuindo ao debate que relativiza os critérios tangível e intangível nas políticas de patrimônio;
- ✓ Trazer para a cena da Arqueologia brasileira o campo dos Estudos de Cultura Material, suas interfaces e a contribuição do campo, em diálogo com uma Arqueologia do passado recente ou no Contemporâneo.
- ✓ Oferecer aos estudantes, particularmente da Arqueologia, Geografia, Artes, História e áreas afins a oportunidade de acompanhar debates sobre a formação de campos interdisciplinares e o desenvolvimento recente de uma Arqueologia do passado recente ou no Contemporâneo.

CRONOGRAMA

	Dia 1 – 16/08/2023	Dia 2 – 17/08/2023	Dia 3 18/08/2023
Manhã 8:30h-9:50	8:30 Abertura 9h O campo dos Estudos de Cultura Material e o Nupecm-UERJ Camilla Agostini Local: Auditório 91F	Roda de conversa entre criadores e criaturas Organização: Maria Madeira e Sandro Roberto Local: Auditório 91F	Apresentação de graduando Comunicações livres Local: Auditório 91F
Manhã 10h-12h	Mesa Temática 1 Aspectos tangíveis e intangíveis de saberes tradicionais Local: Auditório 91F	Mesa Temática 2 Cultura urbana e Invisibilidades Local: Auditório 91F	Mesa Temática 3 Protagonismo dos saberes e das coisas afrodiáspóricas Local: Auditório 91F
Almoço			
Tarde 14h-16h	Fórum 1 Coisas sagradas de ontem e de hoje Local: Auditório 91F	Fórum 2 Cultura urbana e invisibilidades Local: Auditório 91F	Reunião do GT ECM Local: Auditório 91F
16:30h-17:30	Conferência Magela Borbagatto <i>Paulistinhas e o sagrado popular no Vale do Paraíba paulista do século XIX</i> Local: Auditório 91F	Oficina – Magela Borbagatto Local: Laboratório de Arqueologia 9005B Oficina – Lilian Panachuk Local: sala 9001F 16:30 – 18:30	Conferência Julio Glockner <i>O monte que fuma e a mulher branca. O culto dos vulcões no México</i> Local: Auditório 91F
Celebração 18h	Final de campeonato no Maracanã, com jogo do Flamengo: Encerramento às 18h	Abertura de Exposição Local: Sala da Pós-Graduação de Geografia 4º andar	Coquetel de encerramento

DIA 16/08/2023 – QUARTA-FEIRA

Abertura (08h30 – 09h50)

O campo dos Estudos de Cultura Material e o Nupecm-UERJ.

Camilla Agostini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-UERJ)
Instituto de Memória a Ação Social (IMAS)

Resumo

Apresentação do campo dos Estudos de Cultura Material e sua relação com a Arqueologia. A criação do Grupo de Pesquisa no CNPq e do Núcleo de Estudos de Cultura Material / Nupecm-UERJ. A proposta do Seminário e de encontro do GP.



Mesa temática 1: Aspectos tangíveis e intangíveis de saberes tradicionais (10h00 – 12h00)

Mediação: Ricardo Lima

“Joga fora no rio”: um estudo arqueológico do descarte de resíduos de peixes em uma comunidade de pescadores.

Lucas Antonio da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

Resumo

A proposta deste trabalho é analisar a prática do descarte de resíduos de peixe na comunidade da Barra do João Pedro, Rio Grande do Sul. A partir da etnoarqueologia, isto é, da observação e participação nas práticas cotidianas dos pescadores, pretende-se demonstrar o caráter associativo e orgânico do descarte de resíduos. Além disso, será destacada a importância do rio como um lugar de encontros entre seres humanos, não humanos e a materialidade. O movimento, a energia e a capacidade de reunir são qualidades atribuídas a este corpo d'água e que conferem a ele uma centralidade para a pesca na comunidade. Nesse sentido, a narrativa decorrente dessa experiência junto aos pescadores, resultante de um trabalho de

longa duração, será acompanhada de algumas reflexões teóricas sobre o papel das águas na vida humana através da arqueologia.

Habitar os sertões: materialidades sertanejas na comunidade de Floresta, São João da Serra-Pi.

Vinicius Melquíades

Departamento de Arqueologia
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Resumo

A arqueologia histórica no Nordeste brasileiro esteve voltada, principalmente e durante muito tempo, para a região litorânea e para grandes edificações e monumentos, tais como igrejas, fortificações e grandes fazendas. Mais recentemente, no entanto, importantes pesquisas têm sido desenvolvidas sobre sítios de baixa visibilidade associados aos séculos XIX e XX, tanto vinculadas a processos de licenciamento ambiental, quanto a pesquisas acadêmicas. Estabelecendo um diálogo com essas perspectivas, e a partir do desenvolvimento de etnografias arqueológicas, objetivamos apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida na comunidade de Floresta (São João da Serra, Piauí), abordando os processos de habitação e as atividades cotidianas, tais como construção e uso de edificações (casas de pesca, unidades domésticas, casa de roça, casa de farinha), quintais, cercas, muros, atividades de pesca e a lida com o gado, além da produção e utilização de itens materiais, partindo das suas materialidades. Essas perspectivas se unem em torno do estudo dos modos de vida local e suas relações com o mundo material, e tem como objetivo contribuir com novas percepções sobre a cultura material de populações sertanejas e auxiliar na identificação de sítios arqueológicos de baixa visibilidade.

A produção cerâmica e a criação de vínculos: conexão relacional entre pessoas, coisas e territórios.

Lilian Panachuk

Departamento de Antropologia e Arqueologia – UFMG
Coordenadora G.E.S.T.O. (GP-CNPq e Grupo de extensão)

Resumo

A produção artesã é familiar por toda minha existência. Apreciei o belo e o útil do artesanato desde quando me lembro, conheci muitas mestras e mestres de diferentes materiais, e tenho refletido bastante sobre essa vivência, seus vínculos. Essa experiência afeta diretamente minha maneira de pensar a arqueologia e suas materialidade feitas de manualidades. Essa vivência artesã definiu minha escolha metodológica por uma arqueologia experimental como mergulho empírico, uma arqueologia do fazer como resgate do corpo na produção do saber. O desejo é levar a sério essa materialidade, justamente por implicar pessoas em relação com diferentes

materiais e substâncias que marcam a produção (no processo e no produto) em um dado território.

Incluir o corpo nesse sentido é mergulhar numa “arqueologia chão de fábrica”, ela mesma produtora de redes de saberes com o corpo. Assim podemos aprender a construir não somente produtos, mas processos; não somente pessoas, e sim conexões relacionais entre pessoas humanas e não-humanas, envolvendo, a cada produção, materiais diversos que se conectam para construir dado objeto.

O interesse desse trabalho é observar e refletir sobre a produção oleira e seus saberes, a partir de artefatos cerâmicos e das experimentações arqueológicas, conectando pessoas e as múltiplas materialidades que fazem parte desse trabalho. O que se deseja é mesmo pensar a produção em todos seus detalhes, em todas suas tarefas e técnicas. Importa conectar o fazer ao corpo, pensar com as mãos e com o corpo todo no processo, criando memórias, saberes e vínculos.

E assim, esperamos revelar um pouco do intangível no tangível, tanto no que toca os saberes, outros corpos (folhas e resinas, cestaria e trançados, resinas), bem como as aprendizagens e vínculos que o processo da olaria desencadeia em sua transformação e metamorfose de corpo, desde a argila até o recipiente, e depois em seu uso e as muitas camadas de sua história de vida, de sua biografia.

*Projeto TÔGUEIDÔ – o caminho da Cerâmica. Projeto de pesquisa e extensão
DAV/UFES/FAPES Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do
Espírito Santo.*

Isabela do Nascimento Frade

Luiz Fernando Yago da Silva

Gabriela Schmidel Grassi Gava

PPGARTES – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Apresentamos os primeiros resultados da investigação sobre a cerâmica japonesa e seus distintos graus de presença no estado do Espírito Santo, especialmente em seus estudos preliminares e na configuração do principal campo de atuação da pesquisa participante junto à comunidade agregada pela Associação Nikkei de Vitória, a ANV. Como uma associação ativa, a ANV – Associação Nikkei de Vitória vem compondo cursos e eventos atraindo seus associados para a convivência entre seus membros, a formação das novas gerações e a manutenção de vínculos atualizados constantemente com a cultura originária. Essas investidas recebem apoio de órgãos governamentais japoneses, como a embaixada do Japão no Brasil, ou de grupos empresariais investidos em programas de modernização industrial, como o estaleiro Jurong, em Aracruz, ES. A observação de determinadas práticas culturais como trabalhos sobre a memória da própria comunidade como as formas culinárias e

artesanais, como o origami, e o ensino da língua japonesa nos levaram a detectar a ausência da cerâmica entre elas. O exercício de pesquisa junto à comunidade nikkei exigiu o atravessamento de conceitos sobre arte e valor, sobre beleza e modos de existência a que os integrantes envolvidos, entre pesquisadores e associados, se permitiram vivenciar. Considerados os estudos teóricos, os treinamentos técnicos e as práticas de ensino de arte junto aos seus integrantes formam um conjunto de elementos que se entrelaçam na dinâmica de conhecer uma arte de fundamentos milenares que se revigoram na atualidade. Esse processo não se deu diretamente, mas permeado por outros percursos indiretos de consumo cultural vindos da Inglaterra e rebatidos, a posteriori, dos Estados Unidos, promovendo o que hoje se denomina Studio Potter ou Ateliê de Cerâmica, identificada essa categoria entre os brasileiros. As formas cotidianas impregnadas pela beleza contida no modo oriental contrastam com a exuberância barroca dos modelos estéticos brasileiros, criando um diálogo contrastante, campo fértil para os estudantes e pesquisadores da arte. Esses recuos temporais e distensões estéticas nos desafiam a pensar sobre o caminho traçado na investigação assim como seus próximos passos, quando inquirimos sobre o sentido vivido nessa aproximação entre associados e universitários interessados, ambos, pelas tradições da cerâmica japonesa. Seus objetos, as formas e seus usos, seus processo de confecção e suas dinâmicas de consumo originais ou atualizadas nos fazem convergir para um lugar comum, o Tôguedô.

*Para Além da Tecnologia e do Consumo: Por uma Arqueologia dos Ofícios
Artesanais.*

Matheus Mota

Doutorando Museu de Arqueologia e Etnologia / USP

Resumo

Contemporâneos. Os estudos de tecnologia são um campo tradicional da Arqueologia desde a sua formação dentro da estrutura disciplinar da ciência. Estes trabalhos em sua maioria têm como foco a análise tecnológica das cadeias produtivas de artefatos cerâmicos e líticos. É fundamental para esse tipo de abordagem que exista um processo produtivo formalizada, passível de ser transformada em um modelo esquemático de cadeia operatória ou em conjuntos de características genéricas que unifiquem uma ampla gama de objetos em fases, horizontes e tradições. Por outro lado, os estudos de cultura material se dedicaram quase que exclusivamente aos contextos históricos e contemporâneos a partir de uma abordagem focada nas relações modernas de consumo e no consumismo enquanto fenômeno definidor da experiência humana com as coisas que nos cercam. Por fim, os trabalhos em arqueologia do passado contemporâneo negligenciam corriqueiramente os processos produtivos e se debruçam sobre os processos de significação e ressignificação do

mundo material e sua dimensão política. O presente trabalho busca propor, a partir de um aporte teórico eclético, o que tenho chamado de uma Arqueologia dos Ofícios Contemporâneos. Isto é, o desenvolvimento de um campo da disciplina que encare os processos produtivos – entendidos enquanto regimes de interação contínua entre materiais e agentes humanos e não-humanos – tendo como foco a experiência do artesão e o seu compromisso duradouro com os materiais e desenvolvimento técnico que caracterizam sua prática enquanto um ofício. Sendo assim, esta abordagem almeja inserir a técnica e a tecnologia nos debates teóricos contemporâneos da disciplina enquanto tenta escapar das dicotomias entre sujeito e objeto, natureza e cultura, arte e produto e material e imaterial. Almeja-se também construir uma abordagem arqueológica que encare de frente a dimensão fenomenológica e sensorial dos processos de manufatura, bem como as contradições de tal produção em contextos hipermodernos capitalistas e fabris. A proposta será apresentada a partir da pesquisa que venho desenvolvendo desde 2019 no contexto do doutorado. Esta pesquisa se dedica a descrever e analisar a produção de guitarras elétricas a partir dos ofícios de luthiers e músicos.



Fórum 1: Coisas sagradas de ontem e de hoje (14h00 – 16h00)

Mediação: Alejandra Saladino

Magela Borbagatto

Mestre Figureiro titulado pelo MEC / Vale do Paraíba Paulista

Emanuelle Rosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro / Coleção Nosso Sagrado (Museu da República)

Pai Thiago Azeredo

Templo do Vale do Sol e da Lua

Pamela Oliveira

Instituto Moreira Salles



Conferência (16h30 – 17h30)

Paulistinhas e o sagrado popular no Vale do Paraíba paulista do século XIX

Magela Borbagatto

Mestre Figureiro titulado pelo MEC / Vale do Paraíba Paulista

DIA 17/08/2023 – QUINTA-FEIRA

Roda de conversa entre criadores e criaturas (08h30 – 09h50)

Maria Madeira

PPGARTES / Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Sandro Roberto

Artes Cênicas / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Gilson Motta

Arte da Cena / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Roda de conversa entre bonecos, artistas e pesquisadores do teatro de animação. Artistas manipuladores de objetos, bonecos e formas animadas se encontram para conversar sobre seu brinquedo-ofício. A ideia é apresentar ao público diferentes modos e maneiras de atuação com o boneco na cena contemporânea. Buscará apresentar as pontes que ocorrem hoje entre o teatro de formas animadas e a pesquisa acadêmica. Os artistas convidados vão falar sobre seus percursos e o modo como brincam, suas maneiras de interagir com o público e os diferentes espaços nos quais a brincadeira pode acontecer.



Mesa Temática 2: Culturas Urbanas e Invisibilidades (10h00 – 12h00)

Mediação: Roberto Marques

Um Parque de Memória: As relações afetivas dos agentes sociais em torno dos remanescentes arquitetônicos da antiga Vila de Iguassú.

Diogo Borges

Prefeitura de Nova Iguaçu / Secretaria Municipal de Nova Iguaçu

Resumo

Em 2022, a prefeitura do município de Nova Iguaçu decretou a criação do Parque Histórico e Arqueológico de Iguassú Velha (PHAIV), que visou desenvolver ações de proteção, conservação, acessibilidade e divulgação do patrimônio histórico e arqueológico da região, que por décadas foi negligência pelo poder público. Hoje, o PHAIV é constituído por remanescentes arquitetônicos da antiga Vila de Iguassú, primeiro núcleo urbano e administrativo da região de Iguassú durante o período Imperial. Devido ao adensamento urbano ao longo de década no município de Nova Iguaçu, diferentes grupos sociais passam a se relacionar de maneira afetiva com os locais onde se encontram os remanescentes arquitetônicos da Vila, através de

manifestações sociais, culturais ou religiosas. A proposta “Um Parque de memória” objetiva realizar levantamentos e análises prévia, a partir das memórias, dos grupos sociais que ressignificaram espaços históricos e arqueológicos, observando as tensões sociais e culturas que existem entre esses agentes.

Por uma Arqueologia das Remoções: premissas, potencialidades e desafios para a construção de narrativas sobre a cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Alejandra Saladino

Departamento de Estudos e Processos Museológicos
UNIRIO

Resumo

A cidade do Rio de Janeiro, enquanto capital da colônia, vice-reino, império e república, é um verdadeiro palimpsesto do qual a Arqueologia, potencialmente, evidencia fragmentos dos processos de renovação urbana relacionados a memórias subalternizadas e silenciadas. Arqueologia e Museologia, enquanto **campos** que cabem nos Estudos da Cultura Material, se articuladas, podem contribuir para a comunicação de narrativas relacionadas a esses processos e memórias nos museus, entidades reconhecidamente legitimadoras de discursos. O objetivo desta comunicação é refletir sobre as premissas, as potencialidades e os desafios que se apresentam para que a Arqueologia, a partir da articulação entre forma, tempo e espaço, colabore nas narrativas museais, tendo como objeto de análise as coleções relacionadas às remoções do Morro do Castelo e da Vila Autódromo, ambas parte do acervo do Museu Histórico Nacional.

A geografia urbana da segregação socioespacial no projeto da cidade do Rio de Janeiro: remoções, apagamentos e especulação imobiliária.

Julia Santos Cossermelli de Andrade

Instituto de Geografia; Viramundo – Laboratório de geografias populares / UERJ

Resumo

Estudando a história das reformas urbanas do Rio de Janeiro podemos constatar as sucessivas políticas de remoção da população pobre das áreas que se desejava valorizar. Em cada momento, sob uma determinada justificativa, a lógica se repetiu: conflitos, remoção e invisibilização. A violência não reside somente no ato de expulsar os moradores para regiões longínquas, mas também na política de apagamento das memórias e das materialidades que constituem parte da identidade dos pobres na cidade. Para discutir essa temática e buscar reescrever esse passado talvez tenhamos que trabalhar de maneira interdisciplinar para que possamos

desencavar parte de uma narrativa que revela, acima de tudo, vidas subtraídas. Nossa proposta é discutir essa temática e como estamos abordando essa discussão em um projeto conjunto entre arqueologia e geografia urbana.

Desconstruindo a Maconha e queimando tabus: um sinal de fumaça para alertar a arqueologia brasileira.

Reykel Diniz de Araujo

Museu Nacional (PPGARq/UFRJ)
Instituto de Memória e Ação Social (IMAS)

Resumo

Se a maconha passou a ser proibida em escala nacional desde a primeira metade do século XX, fruto do fenômeno global do *proibicionismo*, atualmente sabemos que essa *ideologia* não passa de uma construção racista e sem fundamentos. Mais além, sabemos que a humanidade se relaciona com a Cannabis há pelo menos dez mil anos para diversos fins – e a fuma há pelo menos dois milênios. Porém, mesmo com o vasto conhecimento científico acumulado nas últimas décadas, o gênero botânico *Cannabis sativa L.* ainda é um organismo proibido de existir em território nacional – assim como as pessoas e práticas associadas à planta continuam a serem perseguidas e punidas. Portanto, proponho discutir sobre a maconha a partir da arqueologia com enfoque nas práticas associadas ao seu fumo na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, darei um breve mergulho na antiguidade da Cannabis através de dados arqueológicos, depois irei desenvolver sobre a história da Cannabis no Rio de Janeiro, com atenção aos processos que construíram a ideologia proibicionista, para depois trazer a discussão para a contemporaneidade – tomando o costume de fumar maconha enquanto uma prática de resistência



Fórum 2: Culturas urbanas e invisibilidades (14h00 – 16h00)

Mediação: Julia Andrade

Thamiris Ribeiro

Representante do Museu da Maré

Álvaro Nascimento

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Renan Gustavo Carvalho Pereira

Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas

Roberto Marques

Professor da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Oficinas (16h30 – 18h30)

Cenas do cotidiano. O barro como ferramenta de registro da vida comum.

Magela Borbagatto

Na arte figurativa no barro, o/a figureiro/a, registra de modo tridimensional o seu entorno, os acontecimentos, as tradições e as pessoas próximas e importantes para a comunidade a qual pertence. Uma figura é uma fotografia revelada no barro e, durante séculos, foi um meio de guardar para o futuro as coisas simples e importantes do cotidiano popular.

Recipiente como vínculo.

Lilian Panachuk

O interesse nessa oficina é pensar a olaria em sua conexão de cadeias operatórias, vínculos e conexões entre materialidades, e o protagonismo do corpo. Para produzir um artefato cerâmico é preciso utilizar diversas outras “coisas”.

Iremos produzir um copo nessa oficina, que reverbere nosso corpo, em especial, que mostre as marcas de nossa “pegada” no instrumento, nossa digital, nosso desempenho. Faremos na oficina, cada pessoa, um copo que marca o vínculo, o recipiente deve ser preenchido e esvaziado para completar esse vínculo entre pessoas. O artefato é assim belo e útil, atravessando conexões epistêmicas, e trazendo esse aprender com as mãos e o corpo, em um copo, transformador de vínculos.

DIA 18/08/2023 – SEXTA-FEIRA

Apresentações de graduandos (08h30 -09h50)

Comunicações livres

*Narrativas imagéticas e cultura material através das fotografias de Frank Naegli
– início do século XX.*

Gabriel Alves Sabino

Graduando em Arqueologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Estagiário no Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-UERJ)
Instituto de Memória e Ação Social (IMAS)

Resumo

O comunicado visa apresentar o trabalho realizado por meio do álbum de fotografia de Frank Naegli, do início do século XX. O foco, para além das fotografias, recai sobre o autor, buscando também relacionar o estudo de memórias familiares com a Arqueologia do Passado Recente/do Contemporâneo. O objetivo é correlacionar os locais registrados nas fotografias no passado ao presente, construindo uma narrativa da vida do fotógrafo através de seus familiares para compreender o contexto e as motivações dos registros fotográficos. O comunicado apresentará as metodologias aplicadas e os resultados obtidos nessa primeira fase da pesquisa com o auxílio dos familiares do autor do álbum.

*Para entender as desigualdades socioespaciais: uma geografia urbana feita nas
fronteiras da disciplina.*

Julia Barros Silvera dos Santos

Graduanda em Geografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Bolsista de extensão no Viramundo – Laboratório de Geografias Populares / UERJ

Resumo

A cidade é um espaço múltiplo de trocas, onde podemos observar inúmeras expressões e vivências distintas. Entretanto, essa cidade de possibilidades apresenta diversas camadas, fazendo com que algumas vezes se sobressaiam enquanto outras são caladas. Pensando nisso, utilizamos da geografia urbana como uma viabilidade para ajudar a escrever a história através de uma perspectiva contra-hegemônica: dando protagonismo aqueles que foram apagados e segregados sócio-espacialmente. Nesse

trabalho apresentamos de que maneira usamos a geografia urbana como ferramenta para discutir e combater o antigo processo de segregação sócio-espacial, trazendo o diálogo entre o passado e o presente como uma maneira de construir o futuro que desejamos alcançar, discutindo as reformas urbanas como um instrumento para tal e dando voz a quem vive à sombra da cidade.

Entre pontes de conhecimento: a arqueologia comunitária na Colônia de Pesca Z-10.

Karla Moreira de Almeida

Graduanda em Arqueologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Bolsista de Iniciação científica Faperj no Laboratório de Arqueologia Histórica – Museu Nacional/UFRJ

Resumo

Esta comunicação visa apresentar o projeto de Arqueologia Comunitária que está sendo desenvolvido na Colônia de Pescadores Z-10, localizada no sub-bairro da Ribeira, Ilha do Governador. Essa atividade se insere no “Projeto Ilha do Governador”, desenvolvido pelo Museu Nacional, UFRJ, e coordenado pelos professores Marcos André Torres de Souza e Angela Buarque. O projeto de arqueologia comunitária tem como objetivo a produção de conhecimento mútuo entre pesquisadores e a comunidade local, buscando promover a participação da população da região na construção do conhecimento arqueológico (MARSHALL, 2002), e tendo como referência os conhecimentos adquiridos pelo “Projeto Ilha do Governador”. Por meio do estabelecimento de relações sociais de caráter educativo, dentro de um processo mútuo de ensino e aprendizagem (NAJJAR; NAJJAR, 2006), estão sendo realizadas reuniões individuais e entrevistas coletivas junto à população da colônia, com perguntas dirigidas a diversos grupos sociais, incluindo pescadores e moradores adultos e, futuramente, crianças e adolescentes que participam de um projeto ambiental sediado no bairro. Nesta comunicação, serão apresentados os primeiros resultados desse trabalho, que envolveu, até aqui, contatos iniciais com a comunidade e o estabelecimento das metodologias de ação direcionada a cada público alvo, o que incluiu a elaboração de fichas de entrevistas, folders e adesivos, e o desenvolvimento de trabalhos de educação patrimonial.

A materialidade do Saci.

Marcelo de Souza Almeida

Graduando em Arqueologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Estagiário no Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-UERJ)
Bolsista do Instituto de Memória e Ação Social (IMAS)

Resumo

Essa comunicação apresenta um projeto que nasceu em uma pesquisa feita para a disciplina Teoria Arqueológica II, no curso de graduação em Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e continua sendo realizado junto ao Nupecm-UERJ, com orientação da professora Camilla Agostini. O projeto desenvolve um estudo sobre a cultura material do Saci. O objetivo é discutir também o conceito de patrimônio, com o questionamento da dicotomia entre bens materiais e bens imateriais, e sobre o uso de diferentes fontes no fazer arqueológico, como obras literárias e a tradição oral.

Serão apresentados argumentos para o estudo arqueológico sobre a materialidade do Saci, como, também, os dados coletados do livro de Monteiro Lobato *Saci – O resultado de um inquérito*, junto com uma interpretação de usos e significados das coisas associadas ao personagem. O projeto demonstra uma preocupação na produção do conhecimento, na identificação de novos campos de saber interdisciplinares; e na valorização de um estudo arqueológico que busque compreender a forma como as pessoas utilizam da materialidade para construir narrativas sobre o passado.

O que são os Estudos de Cultura Material? Mapeando o campo através do Journal of Material Culture.

Nicole de Almeida Guimarães da Silva

Graduanda em Arqueologia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-UERJ)

Resumo

O presente trabalho busca analisar o campo de Estudos de Cultura Material através da análise seriada da revista inglesa *Journal of Material Culture* (JMC), a fim de pensar e mapear este campo, uma vez que esse tipo de análise não foi feita anteriormente. A revista foi escolhida como objeto de análise por ter sido fundada por pesquisadores-chave no campo dos Estudos de Cultura Material e por ser um periódico específico sobre o campo. Procuramos saber quais temas e abordagens são priorizados; se há inclusão de autores que não são do meio acadêmico, considerando o

interesse em diálogos e a inclusão de outros saberes; a representatividade internacional, observando se há diversidade entre os países representados pelas instituições nas publicações do JMC, ou se há concentração de trabalhos produzidos por ou em países específicos; sua proximidade com a Arqueologia, dado que ambos têm a materialidade como fonte primária. E, por fim, queremos entender como a interdisciplinaridade é trabalhada dentro desse campo. A proposta desta apresentação será trazer os resultados dos levantamentos quantitativos a respeito das análises de todo o conteúdo da revista desde a sua primeira publicação em 1996 até a última publicação do ano de 2021; bem como outras ocorrências evidenciadas ao longo das análises.



Mesa Temática 3 – Protagonismo dos saberes e das coisas afrodiaspóricas (10h00 – 12h00)

Mediação: Camilla Agostini

As coisas da escravidão no Baixo Congo: instrumentos de coerção e a Pedra do Fetiche no Rio Zaire (século XVIII e XIX).

Marcos Abreu Leitão de Almeida

Northwestern University

Resumo

O fenômeno da escravidão na África Central tem sido um tema clássico na historiografia do continente desde a década de 1970. No entanto, as sociologias de submissão locais e a historicidade da ideologia escravista na região ainda são pouco estudadas devido à escassez de fontes documentais produzidas por observadores externos. Neste contexto, este estudo propõe uma abordagem metodológica para superar essa dificuldade, investigando a forma como os escravizadores do Baixo Congo representavam a escravidão e elaboravam instrumentos de coerção durante o auge do tráfico transatlântico de escravos nos séculos XVIII e XIX. Para isso, serão analisadas tanto as evidências linguísticas relacionadas aos instrumentos de violência ao longo da história do Baixo Congo quanto os petróglifos encontrados na "Pedra do Feitiço", uma formação rochosa na foz do Rio Zaire cuja antiguidade ainda é incerta. A partir dessa correlação entre as evidências linguísticas e arqueológicas, argumenta-se que as sociologias da escravidão no Baixo Congo adquirem uma historicidade que não seria possível se os historiadores se limitassem apenas aos registros escritos. Essa pesquisa contribui para uma compreensão mais abrangente do fenômeno da escravidão na

África Central e ressalta a importância de abordagens multidisciplinares na reconstrução histórica.

Arqueologia e Memória sobre o caso Camargo no Bracuí.

Martha Abreu

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP

Resumo

O naufrágio do Brigue norte-americano Camargo, ocorrido em dezembro de 1852, nas águas calmas da Baía de Ilha Grane, Angra dos Reis, era praticamente desconhecido até pouco tempo atrás. Apenas a comunidade do quilombo do Bracuí, situada na foz do Rio Bracuí, onde ocorreu o naufrágio, sabia da história através da vigorosa tradição oral e memória de seus guardiões. O que acontece quando essas notícias de impacto nacional e internacional passam a ser reveladas para o grande público através da pesquisa histórica e arqueológica em memoriais, documentários e sites? Como podemos articular parcerias em história pública, locais de memória, sítios arqueológicos e visitas visando estabelecer políticas de reparação em parceria com uma comunidade negra que, desde o século XIX, tem seus direitos negados? Essas e outras questões nortearão nossa apresentação.

Acervo Nosso Sagrado – Caminhos da Pesquisa.

Eduardo Possidônio

Museu da República

Resumo

O Acervo Nosso Sagrado, composto por 519 objetos litúrgicos retirados pela polícia das casas afro-cariocas ao final do oitocentos e primeira metade do século XX, atualmente é analisado pela Pesquisa Histórica, que objetiva historicizar o contexto, buscando compreender o funcionamento das casas, suas escolhas e ritualísticas, entre outras, o que vem jogando luz sobre os objetos e o seu funcionamento nos ritos sagrados. A análise das fontes e o cruzamento tem permitido também a descoberta da procedência de parte da coleção, sendo esse mais um dos fatores de reparação histórica que envolvem o Acervo Nosso Sagrado desde sua chegada ao Museu da República.

O direito ao Sagrado no Museu da República.

Maria Helena Versiani

Museu da República
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo

Quando o acervo não deveria ser acervo. O patrimônio cultural em movimento, como instrumento de reparação de justiça. O museu comprometido com o enfrentamento de problemas sociais do seu tempo e com a superação de lógicas que naturalizam práticas políticas opressivas. Nosso Sagrado no processo de formação cultural brasileira. O direito ao Sagrado, à história, à memória e ao museu.



Conferência (16h30 – 17h30)

El monte que humea y la mujer blanca. El culto a los volcanes en México.

O monte que fuma e a mulher branca. O culto dos vulcões no México.

Julio Glockner

Antropólogo da Benemérita Universidade Autónoma de Puebla (BUAP) – México

EXPOSIÇÕES

As histórias que as coisas contam e suas geografias silenciadas

Coordenação e curadoria

Julia Andrade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Edilberto Fonseca

Universidade Federal Fluminense

Realização

Instituto de Geografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Viramundo – Laboratório de Geografias Populares / IGEOG-UERJ

Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-UERJ)

Resumo

A exposição visa lançar um olhar reflexivo sobre os objetos, ou seja, as coisas, seus simbolismos e trajetórias materiais tanto em sua dimensão artesanal e/ou industrial, quanto em suas temporalidades e geografias, ancestrais e contemporâneas.

As coisas revelam interações inusitadas entre cultura e tecnologia, ciência e arte, proporcionando questionamentos sobre as transformações da sociedade em seus espaços e ao longo do tempo. A diversidade das peças exibidas pretende promover uma compreensão mais ampliada das influências culturais e históricas que modelaram suas formas e funções. A exposição pretende ainda desafiar os visitantes a considerar as manifestações da criatividade humana em diferentes contextos, destacando a importância da preservação e apreciação do patrimônio material e imaterial em uma perspectiva mais cotidiana e menos oficial da vida.

A doença de Chagas: da pré-história aos dias atuais

Coordenação e curadoria

Sheila Mendonça

Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil

Universidad Mayor de San Simon, Cochabamba

Realização

Departamento de Investigación Científica y Tecnológica

Universidad Mayor de San Simon

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – Instituto Oswaldo Cruz

Fiocruz

Núcleo de Estudos de Cultura Material (Nupecm-UERJ)

Resumo

Durante milhões de anos os ciclos naturais levaram a adaptação dos tripanossomas, protozoários causadores da Doença de Chagas, a viver nos organismos de um grupo de insetos chamados popularmente no Brasil de “barbeiros”. Estes atuavam como vetores, transmitindo o parasito a vertebrados de sangue quente, que passavam a ser seus hospedeiros, realimentando o ciclo das infecções em diferentes ambientes naturais. Ocasionalmente o homem era picado e participava deste ciclo.

Mudanças no estilo de vida de grupos humanos nos últimos milênios trouxe hospedeiros e vetores para dentro das habitações humanas. Vetores contaminados entraram em contato com seus alimentos, tornando o que era um ciclo natural equilibrado em uma doença humana. A saúde é uma só, somos parte da natureza. Conheceremos melhor nossa saúde se conhecermos e melhor nosso ambiente.

A exposição conta com o vídeo: **Uma múmia me contou que tinha Doença de Chagas.**

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QAZJL68lrBY>

Realização



Apoio



Parceiros

